

## **A experiência da esperança: um “Golpe na Alma” da intelectualidade brasileira pós 1964.**

Dimas Brasileiro Veras\*

**Resumo:** O trabalho tem como objetivo compreender a atuação do Serviço de Extensão Universitária da Universidade do Recife (SEC/UR) e de seu idealizador, o professor Paulo Freire, no *campo intelectual* da cidade do Recife na década de 1960. Foi nestes anos que o pedagogo e sua equipe desenvolveram seu sistema de alfabetização de jovens e adultos e uma nova concepção de educação que ficou conhecida como “Sistema Paulo Freire de Educação”. A realização desse trabalho se tornou possível a partir da leitura do livro de memórias de Marcius Cortez “O Golpe na Alma”: narrativa que oferece ao leitor importantes reminiscências para entender atuação intelectual e educacional no Brasil e no Recife, as relações entre a cidade e a Universidade e a problemática da memória ao lidar com a dolorosa experiência da ditadura.

**Palavras-chave:** Paulo Freire, educação popular, Universidade

### **The experience of hope: a “Coup d’Ésprit” in the Brazilian intellect after 1964.**

**Abstract:** This paper aims at understanding the actions of the Serviço de Extensão da Universidade ( University Extension Service ) of the University of Recife (SER/UR) and its creator, Professor Paulo Freire, intellectually and educationally in the Recife of the 1960s. It was these years that the educator and his team developed their alphabetizing the young and adult and a new conception of education called "Sistema Paulo Freire de Educação". This paper was brought about by the reading of the book of memories by Marcius Cortez " O Golpe da Alma": a narrative which offers the reader important reminiscences in order to understand the intellectual and cultural actions in Brazil and in Recife, the relations between the city and the university and the problem of dealing with the painful experience of the dictatorship.

**Keywords:** Paulo Freire, popular education, University

*Onde está o professor Paulo Freire? Em Genebra ou na Guiné-Bissau? Nas ilhas gregas socráticas ou na ilha do Maruim? O que restou? O que restou? O que restou de nossos círculos de cultura? (7’51’’) (BRITTO, 2002, p. 172). Assim encontramos preso na “Casa Grande de Detenção da Cultura”, o “Palhaço Degolado” de Jomard Muniz de Britto (audiovisual produzido em 1976/77 em Pernambuco). O solilóquio é recheado de momentos de carnavalização e chistes com as engrenagens discursivas legitimadoras da “Cultura Brasileira” e termina em clima de angústia e solidão (Até quando? Até Quando? A saída? ATÉ QUANDO? - 8’50’’). A tristeza emerge justamente quando o palhaço percebe estar vivendo numa realidade completamente diferente da experimentada pelos movimentos sociais*

---

\* Mestrando em História da Universidade Federal de Pernambuco, na Linha de Pesquisa Cultura e Memória do Norte e Nordeste sob orientação do prof. Dr. Flávio Weinstein Teixeira

e culturais dos anos que antecederam o golpe militar no Brasil (1950-60). É a memória que persiste ao esquecimento compulsório, imposto por um estado de exceção.

Por que o “Palhaço Degolado” invoca Freire? Além do trocadilho chistoso entre Freyre (sociólogo – tradicionalista ao seu modo – alvo das ironias do palhaço) e Freire (educador – radical ao seu modo – evocado pelo palhaço), o palhaço quer evocar o papel desempenhado por Paulo Freire no *campo de produção cultural e intelectual* (BOURDIEU, 2007) da cidade do Recife no início da segunda metade do século XX. Este além de ter sido um dos fundadores do Movimento de Cultura Popular, idealizou e fundou com o Reitor João Alfredo o Serviço de Extensão Cultural da Universidade do Recife (SEC/UR) do qual Jomard Muniz de Britto (JMB) foi integrante. Desde a criação do SEC em janeiro de 1962 até o afastamento de Freire e sua equipe em 1964 a instituição promoveu inúmeras atividades de extensão: palestras, encontros estudantis, diálogo com outras Universidades, a criação da Rádio Universidade e da revista de cultura Estudos Universitários. No entanto, o foco principal do SEC era o sistema de alfabetização de Jovens e adultos que terminou conhecido como “Sistema Paulo Freire de Alfabetização” e uma nova concepção de educação conhecido como “Sistema Paulo Freire de Educação” (o programa tomou proporções nacionais quando em 1964 o Ministro da Educação convidou Paulo Freire para desenvolver o Programa Nacional de Alfabetização) (cf.:CORTEZ, 2008; LIMA, 1981; ROSAS, 2003;). Neste sentido o lamento do palhaço evoca a experiência de esperança vivida nos círculos de cultura e todas outras atividades do Serviço de Extensão Cultural da Universidade do Recife.

A construção desse trabalho é fruto da leitura e discussão do livro de memórias “O Golpe na Alma” (CORTEZ, 2008), que relata as vivências do jovem Marcius Cortez (na época com 17 anos) como membro mais jovem do SEC e a dificuldade de viver exilado em São Paulo nos anos de ditadura militar. É antes de tudo um livro de memórias apontado para o futuro (por isso não é memorialista) e traz em seu bojo o mal estar e o desejo de superação por parte de uma geração de intelectuais condenada a anos de cerceamento dos direitos políticos, sociais e civis:

*[...] faço um relato sobre um tempo de qual sou testemunha, um tempo que guarda em si uma fidelidade inexorável, a de que durante todos os momentos em que ele aconteceu e que vem acontecendo ao longo dos anos, a fome social do povo permanece viva em proporções alarmantes. Volto para ver as minhas sombras que projetadas no chão me servem como guia, mas é para o futuro onde dirijo o meu foco, é para o futuro que aponto minha arma. (CORTEZ, 2008: 12)*

O relato se faz importante, no que diz da história do SEC/UR, devido à tentativa de produção de esquecimento, operada pelos militares, que destruiu quase toda documentação da instituição:

*Uma das primeiras iniciativas do Exército foi invadir a sede do Serviço de Extensão Cultural (SEC), dirigido por Paulo Freire, na Universidade do Recife, e confiscar todo material utilizado no programa de alfabetização. (PAGE, 1972 apud LIMA, 1984)*

Afirma Cortez:

*Documentos, filmes, retratos ou outros registros desse tempo são exíguos porque logo após o golpe de 64, o prédio do SEC foi ocupado por forças militares que sumiram com tudo que havia ali. Arquivos e fichários inteiros desapareceram. (Minha irmã viu na televisão parte desse material enquanto um locutor em off, ensandecido, dizia que aquilo era altamente subversivo). (CORTEZ, 2008:13).*

Para entender “O Golpe na Alma”, em sua complexidade, percorrer a historiografia se tornou uma necessidade. Em estudos sobre a intelectualidade brasileira Daniel Pecaú (cf.: PÉCAUT, 1990) nos mostrou como a palavra de ordem dessa geração de intelectuais, do fim do estado novo à ditadura, era conscientização e participação popular. É dentro deste contexto que Cortez narra as vivências de um coletivo mergulhado em sua época, fazendo da cultura *ato de coragem, uma busca de aproximação com a realidade, aceitação pelo homem dos desafios que lhe endereça a existência* (Lima in Revista Estudos Universitários, 1962, nº 1, v. 1, p. 5). O debate proposto por Pecaú é extremamente pertinente (ainda que o trabalho esteja centrado no Rio de Janeiro e São Paulo), na medida em que percebe as movimentações de várias sociabilidades letradas entre os anos 1930-60, buscando traçar e legitimar seu espaço político no Estado brasileiro. É o constatar de uma multiplicidade de práticas político-culturais que permite ao autor perceber uma cultura política que ele chama de “nacional-popular” nos anos 1955-1964 (idem: 185).

Flávio Weinstein analisa estas transformações do campo cultural/intelectual da cidade do Recife (entre 1946-64) a partir do Teatro dos Estudantes de Pernambuco e do coletivo de impressores conhecidos como D’o Gráfico Amador (TEIXEIRA, 2007). Estavam estes coletivos mais preocupados com a produção cultural e artística, mas muitos de seus integrantes foram importantes colaboradores do Serviço de Extensão Cultural da UR. No Recife os intelectuais debruçados na conscientização através da educação e da cultura estavam circulando principalmente em torno da Ação Católica (e o Movimento de Educação de Base), do SEC/UR e do Movimento de Cultura Popular (MCP). Segundo Venício Arthur

de Lima para entender a atuação de Paulo Freire em ambos os movimentos é inevitável passar por duas importantes forças ideológicas da época: o nacionalismo (do ISEB principalmente) e o catolicismo radical (Ação Católica, a JUC principalmente). Como uma instituição de proporção nacional o ISEB estava mais atento para a produção de ideologias e para economia-política, enquanto que o SEC fazia de seu escopo a cultura e a educação. O ISEB mostrou para Freire não só a importância de pensar o Brasil a partir do Brasil como também forneceu a base teórica e léxica para os debates intelectuais da época. Por outro lado a JUC seguindo as orientações de um dos futuros diretores do SEC, o Padre Almerly Bezerra, passou a atuar de maneira mais incisiva no cenário político nacional, notabilizando a JUC de Pernambucano ao propor que a mesma tomasse em âmbito nacional um “ideal histórico” (LIMA, 1984:39). *Ideal histórico* conceito que no início dos anos sessenta transitaria para o conceito de *consciência histórica*: o homem e a cultura como frutos da história assume uma dimensão transitiva e dinâmica, ou seja, o homem como agente transformador da realidade. A sede da JUC no Recife era um espaço de vivência constantemente freqüentado por muitos dos que faziam a Universidade (afinal estavam ambas situadas no Bairro da Boa Vista).

Mesmo com toda influência do ISEB e da JUC, o SEC gozava de autonomia, havia uma particularidade nos colaboradores do SEC, o que foi chamado na época por Vamireh Chacon de “heterodoxia” (CHACON In: Estudos Universitários, 1963, nº 3, v. 1, p. 51-58):

*Na época, começo da década dos sessenta, circulava um termo interessante, heterodoxia. E era isso mesmo, como havia muito trabalho, preferimos arregaçar as mangas, ao invés de ficarmos construindo uma cartilha sectária, amarrada a qualquer viseira bitoladora. (CORTEZ, 2008: 13)*

Como já vimos, “consciência” é um conceito fundamental para entender o coletivo do qual Cortez compunha. Tornar os indivíduos força de interferência coletiva era o ponto central das atividades realizadas pelos intelectuais e artistas nesse período. Revelando a historicidade da cultura e do homem, este perderia sua passividade no mundo e no modo como o interpreta. Assim o homem assumiria uma transitividade crítica: possibilidade de se transformar e transformar o mundo: “a fim de contrabalançar a indigência e o marginalismo da massa: seria um modo de fortalecê-la para um contato devastador com a demagogia eleitoral (...)” (SCHWARZ, 1978: 285. In: BASUALDO, 2007). O livro “Contradições do Homem Brasileiro” (1964), de Jomard Muniz de Britto (publicado pouco antes da perseguição aos integrantes do SEC), nos apresenta um perfil da época que repensa o papel do homem na sociedade:

*(...) no mundo em comunicação com os outros, existe algo dado, apresentado, um 'mundo feito', mas igualmente um mundo por fazer, previsto, antecipado. Nesta segunda acepção, que inclui a obra especificamente humana, as criações do homem, o significado do mundo se reveste de historicidade, ele próprio é história, horizonte de possibilidades humanas. (BRITTO, 1964: 15)*

Marcelo Ridenti também levanta uma hipótese que converge com nossa percepção em torno da temática proposta: “o florescimento cultural e político dos anos de 1960 e início dos de 1970 na sociedade brasileira pode ser caracterizado como romântico-revolucionário. Valorizava-se acima de tudo a vontade de transformação (...)” (RIDENTI, 2005: 84). Neste sentido a cultura e a educação popular seriam os meios de organização dentro dos círculos, praças e centros de cultura para a “transição”. Espaços de sociabilidade e trocas intensas de informação, recreação e circulação de material educativo nos bairros distantes e periferias das regiões em processo de formação crítica. O teatro, rádio, cinema, música, literatura e outras manifestações culturais, desde que transformadas de “fatores” técnico materiais em “valores” técnico reflexivos, para democratização da cultura (cf.:BRITTO. In: FÁVERO, 1983: 158), seriam feitas pelo povo e para o povo (na crença que a sua essência se identificava claramente com as aspirações deste. Bem como numa suposta homogeneidade do povo). Politizando e conscientizando vários grupos sociais, o objetivo era fazer da prática cultural um veículo de “comunicação das consciências” (AP/Cultura Popular. In FÁVERO, 1983) e humanização coletiva (FÁVERO, 1982: 09).

O clima de esperança ganhava cada vez mais contorno. Transformar a realidade por meio da educação (esta como mediadora entre cultura e revolução, uma reforma na cultura nacional) aparecia para esta geração como uma possibilidade viável e concreta, pois o trabalho se dava pelo viés da conscientização, o que poderia “acelerar a velocidade com que se transformam os suportes materiais da sociedade (...)” (ESTEVAM. In: Fávero: 1983). O objetivo final seria o movimento ascensional das massas, obviamente guiadas pelos intelectuais (“*o fato de reivindicarem o domínio do devir social resulta mais do espírito do Iluminismo do que da vontade de se ter uma ditadura 'boa'.*” – PÉCAUT, 1990: 186), em direção à conquista do poder na sociedade de classes (ESTEVAM. In: FÁVERO, 1983: 34/35). É este aspeto que separa as práticas do SEC e de outros grupos da época como o MCP:

*Divergíamos quanto a concepção do intelectual. Para o MCP, assim como para o CPC da UNE, o intelectual era tido como guias das massas. Embora essa concepção seja entre nós tão velha quanto o positivismo do século XIX, sem dúvida sua base era a política cultural stalinista. (...) Como eu tinha aprendido, por meus anos na Espanha franquista, o que significava o dirigismo cultural e como pouco se*

*distinguia do fascismo, participei de uma linha de resistência ao dirigismo oba-oba tanto do MCP, quanto do CPC da UNE. (COSTA LIMA in ZAINDAN e MACHADO, 2007: 44).*

A faceta instrumental da cultura popular nos faz pensar sobre os apontamentos de Pecaute em relação aos anseios desta geração em implementar um saber-poder: “Fazendo de si os portadores da verdadeira consciência, a consciência crítica, os intelectuais tomam o lugar que comumente cabe a um líder populista (...)” (PÉCAUT, 1990: 187).

Ao abordar a geração que circulou em torno do SEC e seu diretor, Cortez nos mostra que o Sistema Freire e as experiências que permitiram sua criação precisam ser abordados com mais atenção. Há toda uma complexidade nos círculos de cultura e na deshierarquização da atividade educacional proposta pelo pedagogo impulsionando a experiência para além de um projeto iluminista (cf.: CORTEZ, 2008; ROSAS, 2003). O caso do SEC talvez precise ser pensado como movimento inserido numa episteme pós-moderna (sendo apenas possível com a virada lingüística). Jarbas Maciel em artigo publicado na Estudos Universitários, nos mostra como esta geração viu surgir, juntamente com o método Paulo Freire de Alfabetização de adultos, o Sistema Paulo Freire de Educação, fruto das experiências colocadas em prática pelo SEC e por uma Universidade que se queria popular (MACIEL in Estudos Universitários, 1963, nº 4, v. 1, p. 25-59; “A Universidade do Recife quer educar as massas” JC – 18/11/62, 2º caderno, capa. ). A sociedade, para Paulo Freire, estava num processo de trânsito devido às experiências sucessivas que possibilitam a ativação do povo no campo educacional e cultural. Daí a necessidade de se passar por uma “democratização fundamental”, crescente e irreversível, na melhoria da sociedade, através da presença sólida do povo, alienado da realidade devido a uma “intransitividade” ou a uma “transitividade ingênua” (cf.: FREIRE: 2007). A esperança estava na formação urgente da transitividade crítica: sujeito sensível (porque compreende) e comprometido (porque necessita) com sua história “mediante uma educação dialógica e ativa” (Idem: 110) que permitiria ao indivíduo questionar seus problemas fundamentais e resolvê-los com autonomia. Para Roberto Schurwarz, o Brasil estava “irreconhecivelmente inteligente”, temperado de metas e realização dos sonhos trazidos pelo vento pré-revolucionário que lotava os jornais e mídias de “mudanças” sociais como reforma agrária, agitação camponesa, anti-imperialismo e questionamentos focados na “descompartimentação da consciência nacional”.

Não é apenas a memória de Cortez e os livros que revelam fios e rastros das intensas vivências do SEC. A leitura dos jornais da época e da revista de cultura da UR nos mostra que a Universidade contagiava a cidade com sua euforia. Evidentemente Paulo Freire não

possuiria fôlego para realizar uma tarefa deste porte sozinho, neste sentido pode sempre contar com sua equipe da Universidade do Recife (CORTEZ, 2008: 16). Fazer o povo pensar era uma atitude bastante perigosa, logo em um governo como o de João Goulart conhecido por sua incompetência e tentativa frustrada de realizar reformas de base, “prato servido” para os militares disporem de inúmeras justificativas (incompetência administrativa, instabilidade política, “crescimento” da ameaça comunista, no governo e no meio militar.) para legitimar um golpe quase sem resistência (SILVA, 2001). O SEC e sua equipe contaram ainda com a oposição de um importante intelectual e político brasileiro: Gilberto Freyre. Observando os jornais da época e lendo depoimentos de Costa Lima e do próprio Cortez, fica claro não só a perseguição política ao coletivo do SEC e a ao Reitor da UR João Alfredo desde 1962 a 1964, como são muitas as denúncias do “antropólogo dos trópicos” ter delatado aos militares, Costa Lima e outros integrantes do SEC (ZAIN DAN e MACHADO, 2007; CORTEZ, 2008).

A repressão aos grupos de esquerda, intelectuais, movimento estudantil, prisão de sindicalistas e religiosos marcam o início de uma verdadeira perseguição e cerceamento das práticas que destoam da organização do governo militar. Ainda que escrito a partir do presente, “O Golpe na Alma” está carregado dos anseios de uma experiência abortada em sua gestação. Paulo Freire aparece como dedicado protagonista do relato. Cortez não só mostra o empenho, do grupo do qual fazia parte, em garantir elementos básicos da cidadania para o povo brasileiro, como mostra a experiência do horror ao relatar as torturas e censuras que presenciou na época. O autor faz também, importante denúncia sobre as relações entre a Folha de São Paulo, a Rede Globo e a ditadura militar. Não deixa de rememorar momentos de prazer vividos no Rio de Janeiro ao lado de colegas do SEC, Glauber Rocha e Jorge Ben (em visita do SEC ao Rio), momentos de solidariedade ao esconder em sua casa Eduardo Coutinho (autor do documentário “Cabra Marcado para Morrer”. O filme começou a ser gravado em 1964 e devido à repressão apenas foi finalizado em 1984.) e da resistência através do riso e da esperança, esperança oriunda do presente de onde se inscreve. Tudo isso faz do livro uma obra mesclada de alegria, dor, amor, esperança, carinho e respeito pelos atores vivos e mortos nessa luta que foi os anos que seguem a 1964. Violência esta que não abalou o ensinamento cujo Paulo Freire fazia sua meta fundamental: a esperança, “princípio do qual não abria mão” (CORTEZ, 2008: 15). A leitura de “O Golpe na Alma” é uma valiosa oportunidade de se repensar as noções de cultura, educação popular e as ações de resistência dos movimentos culturais na década de 1960. O texto também fornece elementos para se pensar às tensões e os medos que povoaram e povoam uma geração de intelectuais reprimida pela institucionalização da violência e do medo. Não podemos deixar de reverenciar o relato

de Cortez como uma maravilhosa oportunidade de leitura para aquele leitor mais descomprometido e pouco preocupado com pesquisa, pois é o relato da experiência da esperança, do qual todo cidadão brasileiro necessita. Diante da recente erradicação do analfabetismo na Bolívia, através do método cubano “yo, si puedo” (Eu posso, sim) com duração de seis meses<sup>1</sup>, as perguntas do “Palhaço Degolado” por Freire se mostram extremamente atual. Com palavras de esperança, Cortez nos faz acreditar, mesmo com todas as tentativas de imobilização do corpo e da alma brasileira, que devemos cultivar a “semente” freiriana: plantada com suor e sangue pela “poeticidade pedagogicamente revolucionária em luta pela transfiguração da cidadania no prazer da felicidade” (BRITTO, 2008).

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BERNARDES, Denis. *Recife: O caranguejo e o viaduto*; Recife: Ed. Universitária, 1996.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*; São Paulo: Ed. Perspectiva, 2007.

BRITTO, Jomard Muniz de. *Contradições do Homem Brasileiro*. Rio de Janeiro: Edições Tempos Brasileiros, 1964.

\_\_\_\_\_. *Atentados Poéticos*. Editora Bagaço. Permambuco, 2002.

\_\_\_\_\_. *Educação de Adultos e Unificação da Cultura in*

\_\_\_\_\_. *Poeticidade em Paulo Freire*. Recife, setembro de 2008.

CORTEZ, Marcius. *O Golpe na Alma*. São Paulo: Pé-de-chinelo Editorial, 2008. *Estudos Universitários: Revista de Cultura da Universidade do Recife*. Volume 1, 2, 3, 4 e 5. Recife, Universidade do Recife, Imprensa Universitária, 1962-1963.

FÁVERO, Osmar (Org.). *Cultura popular e educação popular: memória dos anos 60*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

FREIRE, Paulo. *Educação com prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007. 30ª edição.

<sup>1</sup> Jornal Brasil de Fato de 25 a 31 de Dezembro p. 12



LIMA, Venício Artur de. *Comunicação e Cultura: as idéias de Paulo Freire*. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1981.

MACIEL, Jarbas. *Fundamentação teórica do Sistema Paulo Freire de Educação in Estudos Universitários: Revista de Cultura da Universidade do Recife*. Volume 4 Recife, Universidade do Recife, Imprensa Universitária, 1962-1963.

PÉCAUT, Daniel. *Os Intelectuais e a Política no Brasil: Entre o povo e a Nação*. São Paulo: Ed. Ática, 1990.

RIDENTI, Marcelo. Artistas e Intelectuais no Brasil pós 1960. *Tempo Social, Revista de Sociologia da USP*, v. 17, n. 1.

ROSAS, Paulo. *Papéis avulsos sobre Paulo Freire, 1*; Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2003.

SCHUWARZ, Roberto. *Cultura e Política no Brasil: 1964-1964*. In: BASUALDO, Carlos (Org.). *Tropicália: uma revolução na cultura brasileira [1967-1972]*. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

SILVA, Vanderli Maria da. *A construção da política cultural no regime militar: concepções, diretrizes e programas (1974-1978)*. Universidade de São Paulo (USP). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2001.

TEIXEIRA, Flavio Weinstein. *O movimento e a Linha: presença do Teatro do estudante e d'O Gráfico amador no Recife (1946 – 1964)*. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2007.

ZAIDAN FILHO, Michel e MACHADO, Otávio Luiz (Orgs). *Movimento estudantil brasileiro e a educação superior*. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2007.